

**“YO NACI NUNA FRONTERA DONDE SE JUNTAN DOS PUEBLOS”: UMA
(AUTO)ETNOGRAFIA SITUADA ENTRE O BRASIL E O URUGUAI**

ISIS KARINAE SUÁREZ PEREIRA; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH².

¹Universidade Federal de Pelotas– isiskspereir94@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho em Antropologia apresenta o modo de vida dos *fronteiriços* (termo êmico para definir os moradores da fronteira), moradores das cidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) desenvolvido desde 2014. A partir da etnografia apresento a trajetória de algumas famílias da região, o seu dia-a-dia e como vivem a fronteira (simbólica e física) com seus saberes e modos de fazer. Para isso, as dinâmicas diárias constituídas na informalidade são escolhidas como ponto central de observação. A fronteira entre o legal e ilegal se torna ínfima e se reconstrói nas situações observadas. Os relatos contados de eventos e micro-eventos se tornaram roteiros das conversas. Tentou-se compreender o conceito de identidade para essas pessoas, a partir da obtenção e uso de documentos. As etnografias foram somadas à experiência do pesquisador apresentadas pela autobiografia. Tornando possível repensar os métodos antropológicos e o Estado em fronteiras.

Para o Estado, fronteiras são sempre vistas como um problema, algo que merece muita atenção, por serem reconhecidos como um lugar onde não se cumprem as leis. Apresentam-se tanto como agentes do Estado estando à frente do país, representando-o a outro país; como também é uma possível fonte de poder, ademais de serem exemplos de internacionalização, supranacionalização e globalização. A fronteira onde a pesquisa foi desenvolvida, aparenta, numa primeira impressão que não há nada separando os dois países, como se fosse uma cidade só. A rua principal uruguaia continua sendo a rua principal brasileira, mesmo deixando de ser “Sarandí” e passando a ser Rua das Andradas. Nos bairros das cidades, há casos no qual a linha limite divide uma casa, tendo a casa dois endereços, um no Brasil e um no Uruguai. Na área rural, os marcos, objetos de demarcação, servem de referência de endereço: “moro na chácara do marco 347”.

Essas edificações construídas com o intuito de demarcar um limite permitem aos moradores do seu entorno um estado de relações transfronteiriças. Ao ser uma das fronteiras mais penetráveis do Brasil e do Uruguai torna-se um objeto de estudo fantástico, as relações sociais, as dinâmicas de habitar, relação com os Estados. Esta fronteira é considerada pelos Estados como símbolo de integração (PUCCI, 2010), é vista como a menina-dos-olhos do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul). Nos dias atuais, há várias instituições promotoras da integração fronteiriça que se tornam modelos a serem seguidos (como as universidades e escolas binacionais). As políticas do livre comércio tão desejadas pelo MERCOSUL acontecem de um modo nada oficial nesta fronteira, por não serem ainda uma chave-de-troca dos Estados, estas operações cotidianas são facilmente criminalizadas.

2. METODOLOGIA

Com os aportes de Geertz (2008), a etnografia como uma descrição densa apresenta a comunidade em questão, levei em consideração não apenas as falas, mas também os gestos, as inquietações e os silêncios (GINZBURG, 1989). O processo de trabalho de campo se desenvolveu nas seguintes etapas: estranhamento, inserção no ambiente familiar, familiarização através da observação e do ato de ouvir, finalizando com a escrita, momento de análise crítico dos dados obtidos (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996), parafraseando Clifford Geertz (2008) “que faz o etnógrafo? Escreve”.

Arquitetei a escrita inúmeras vezes, com o intuito de apresentar a fronteira da maneira mais fidedigna possível. Recolhi relatos em todas as minhas idas à fronteira logo após ter percebido que aquele seria o espaço que incitaria minha capacidade antropológica. Viver na fronteira transforma o legal e ilegal, o que para a legislação nacional é ilegal, para os *fronteiriços* pode não ser. Isso não faz da fronteira uma terra sem leis, mas os limites entre o legal e o ilegal são outros.

A preocupação em proteger os meus interlocutores sempre foi algo em questão, mas decidir como os dados empíricos seriam apresentados tendo em conta a proteção deles foi algo que muito teve que ser pensado. A partir de discussões e leituras de etnografias concluiu-se que a escrita seria minha ferramenta, os nomes dos interlocutores foram trocados, as famílias misturadas, os endereços inventados e as histórias invertidas, além de acrescentar a minha experiência como *fronteiriça*. A antropologia pós-moderna torna possível isso acontecer, assim sendo, apresento como meu suporte bibliográfico para o desenvolvimento da pesquisa as autoras Marilyn Strathern e Mariza Peirano, as quais inspiram pensar em novas antropologias. A antropologia pós-moderna tem como característica formular críticas ao texto etnográfico clássico, colocando a presença do autor, as responsabilidades, as condições de produção, as formas e recursos de escrita, visando uma mediação cultural, reformulando Malinowski com a tradução cultural, a importância em perceber para que(m) se está fazendo o trabalho.

A antropologia pós-moderna me foi apresentada pelo meu campo, pelas questões que não conseguiam ser respondidas apenas pelas teorias clássicas. As mudanças de pesquisados e de pesquisadores criam a necessidade de transformações teóricas. Foi por meio de um estranhamento teórico que a escrita etnográfica foi realizada. Refiro-me a escolhas específicas -o recurso literário utilizado foi o gênero ficcional: a autobiografia, o anonimato, reinventando, recolocando, etc.

A autobiografia e o anonimato constituem o gênero ficcional, o qual utilizo como recurso de escrita. Não são histórias e nem personagens inventados, são histórias misturadas e personagens com outros nomes. O gênero ficcional não desqualifica as tramas *fronteiriças*, foi um modo de prospectar uma realidade colocada ainda mais à periferia, na tentativa de colocá-las num pensamento crítico. Strathern (2013) propõem a autoantropologia levantando questões pertinentes para a antropologia pós-moderna, trazendo as formas literárias de reprodução etnográfica como uma forma política de expressão. Para poder compreender o que constitui a escrita, a representação feita pelo antropólogo e o propósito da etnografia. Escritas consideradas fora dos padrões podem tornar-se na antropologia pós-moderna uma forma de luta (LOTIERZO & HIRANO, 2013).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Regiões de fronteira apresentam-se como um dos espaços mais porosos do Brasil, de um Estado qualquer. Aquele território que aterroriza o Estado-nação, espaço de rebeliões, manifestos, ataques, invasões; onde se coloca em jogo uma cultura nacional, no caso Brasil: o projeto de nação vai por água a baixo. Emprego fronteira como um elemento primário de construção de identidade: elemento de diferença, mas também, e simultaneamente, um espaço de encontro, de troca e partilha (DONNAN & WILSON apud QUADRELLI, 2002).

O Estado é constituído para promover o desenvolvimento, mas se tornou produtor de informalidades. A centralidade do Estado é apenas um modelo, não sendo reproduzido fielmente no cotidiano. Percebendo a descentralidade do Estado pode-se deixar de estudá-lo apenas a partir de suas contradições, para passar a compreender as dinâmicas ilegais dos cidadãos. Ao adotar o método etnográfico, a análise das dinâmicas informais e ilegais, percebidas no cotidiano dos cidadãos, porém invisíveis ao Estado se tornam objetos da antropologia. Fronteiras internacionais tornam mais explícitas estas situações, antropólogas e antropólogos percebem o cotidiano como seu precioso objeto de pesquisa. Apesar deste não ser objeto de estudo de antropólogos, acredita-se que nossa produção desmascare a centralidade do Estado, para deixar de compreendê-lo como uma entidade distante e superior, e percebê-lo como constituído por cidadãos, entre eles antropólogos (CABRAL, 1993).

Os *fronteiriços* se reapropriam da fronteira (como um espaço determinado) num sentido funcional, a partir de táticas do cotidiano que acabam por permitir o acesso a benefícios e oportunidades (DE CERTEAU, 1998). Considerando, no caso dos *fronteiriços*, a obtenção de aposentadorias tanto brasileira como uruguaia, adquirindo assim, uma renda mais alta. Alguns interlocutores manifestavam receio em solicitar aposentadoria do outro país, estes eram considerados pelos seus familiares como “bobos” por estarem perdendo a oportunidade. Outros me explicaram o processo para solicitar o benefício, considerando-o menos burocrático no Uruguai, porém o brasileiro ser mais vantajoso, uma vez que o valor monetário é superior. Desse modo, é possível perceber os sentidos atribuídos à fronteira pelos seus moradores, não sendo esta apenas uma dualidade (Brasil e Uruguai), mas também um lugar construído por valores que determinam o seu modo de viver (CERTEAU, 1998), considerando o benefício mais um motivo para a aquisição de uma nova identidade (QUADRELLI, 2002).

4. CONCLUSÕES

Me proponho a cruzar não apenas a fronteira entre o Brasil e o Uruguai, mas também a disciplinar. Estudar Estado por muito tempo foi o papel de sociólogos e cientistas políticos, enquanto que para os antropólogos cabia estudar sociedades tradicionais, o famoso “outro”. Eu estudarei o “nos”, o “eu” e sua relação com o Estado. Sem dúvidas, essa divisão de objetos de estudo entre antropólogos e sociólogos já são limites ultrapassados, porém o modo como é estudado o Estado é o que muda de antropólogos para sociólogos; não esquecendo do Estado ser sempre colocado como uma autoridade, entrando em dicotomia com “nação” inerente à solidariedade (PEIRANO, 2002).

Eu posso tentar procurar todas as teorias sobre fronteiras, definições de dicionários e aquilo que a legislação diz, mas acredito que a real definição de fronteira seja a dada por Ramón, de que a fronteira lhe permitiu fazer seus exames para o coração pelo sistema público de saúde do Uruguai, mas ter sua aposentadoria no Brasil. Ou a definição de Elisa, de que mesmo sendo brasileira, possa ter acessado a defensoria pública do Uruguai para conseguir a guarda da sua filha uruguaia de 6 anos. Ou a da Estela, de poder morar no Uruguai e ter um carro brasileiro. Já para Bernarda e Seu Nercy, fronteira significa terem morado sempre no Brasil, mas seus filhos terem estudado em escolas públicas do Uruguai. Para Maria, poder militar pela esquerda tanto no Uruguai como no Brasil. Para mim, foi a possibilidade de fazer uma graduação no Brasil, apesar de ter estudado sempre no Uruguai. Estes são sentidos práticos atribuídos à fronteira pelos *fronteirinhos*, quem melhor poderia definir o que é uma fronteira?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, João de Pina; LOURENÇO, Nelson. **Em terra de Tufões**: dinâmicas da etnicidade macaense. Instituto Cultural de Macau, 1993.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista do Arquivo Nacional**, São Paulo, v.39, p.13-37, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história** e outros ensaios. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

LOTIERZO, Tatiana; HIRANO, Luis Felipe Kojima. **Apresentação**: a escrita antropológica e seus vários contextos. In: STRATHERN, Marilyn. **Fora de contexto**: as ficções persuasivas da antropologia. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

PEIRANO, M. This horrible time of papers: documentos e valores nacionais. **Serie Antropologia**, Brasília, v.312, p. 32-63, 2002.

PUCCI, Adriano Silva. **O estatuto da fronteira Brasil-Uruguai**. Brasília: FUNAG, 2010.

QUADRELLI, A. **A fronteira inevitável**: um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica. 2002. Tese de doutorado em Antropologia Social - Programa de pós-graduação em antropologia social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

STRATHERN, Marilyn. **Fora de contexto**: as ficções persuasivas da antropologia. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.